

A facilitação da leitura de mundo e de textos escritos através da contação de histórias e de obras de arte

José Maria Pugialli Domingues¹

Há vários anos trabalhando no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), nós professores percebemos a grande dificuldade dos alunos na leitura e escrita da Língua Portuguesa. Atualmente, como professor do Núcleo de Arte do INES, que atende a todos os segmentos desta instituição, leciono Desenho e Artes Visuais para alunos do setor de Ensino Médio (SEME) – 1ª e 2ª séries – e sou contador de histórias no Setor de Educação Infantil (SEDIN) – Maternal e Jardim.

Durante esses anos, pude observar três aspectos que considero importantes e que interferem sobremaneira na aquisição do conhecimento por parte do surdo.

O primeiro aspecto: baixa auto-estima, devido ao preconceito que o surdo ainda sofre; culpa por não corresponder às expectativas familiares; a visão oralista que considera o surdo como deficiente, portador de uma falha a ser consertada ou minimizada. O isolamento diante de muitos aspectos do mundo ouvinte; atraso no aprendizado, em muitos casos devido a um início tardio da escolaridade, são alguns dos motivos dessa baixa auto-estima. Muitos surdos acham que o ouvinte é mais inteligente. Por isso, devemos propiciar ao aluno surdo um ambiente e condições para que este tenha uma visão positiva de si próprio, percebendo que possui outras potencialidades a serem desenvolvidas.

O segundo aspecto: uma acentuada insegurança. O surdo necessita constantemente de aprovação. Para alguns alunos, a simples escolha de cores para um trabalho plástico que vão realizar pode se tornar um problema. Querem saber se a cor é bonita, se fica bem aqui ou ali... Não acreditam na própria capacidade.

O terceiro aspecto se refere à educação do olhar. É pela visão que o surdo aprende, mas sua acuidade visual precisa ser treinada, desenvolvida. É verdade que um surdo percebe determinados detalhes – fisionômicos, ambientais – que normalmente passam despercebidos para o ouvinte, mas estaremos enganados ao pensar que o grafismo, o desenho do surdo, é mais estruturado, ou mais rico em detalhes, do que o do ouvinte.

A utilização da leitura e releitura de imagens (obras de arte), como um outro agente facilitador da leitura de textos escritos, propicia o desenvolvimento da percepção visual, do grafismo e da leitura de mundo, fatores de grande importância para um melhor desempenho do nosso aluno, como veremos a seguir.

¹ Professor de Desenho e Artes Visuais e Contador de Histórias do INES. Pós-graduado em Ensino da Arte.

O desenvolvimento da percepção visual não pode ser desprezado no processo de emancipação do surdo. Ele é, antes de tudo, um ser visual, tudo o que aprende é a partir do que vê. O permanente aprimoramento de sua acuidade visual se constitui, portanto, como fator facilitador de todas as ações de aprendizado e diálogo com esse aluno. Hoje, a comunicação utiliza muito mais as imagens e o surdo é fisicamente apto a explorar esse contexto. Precisamos, contudo, ajudá-lo a amplificar a sua análise dessas imagens, a decodificá-las, a fim de que ele possa enriquecer sua seleção e escolha dos “textos” que vai ler, ampliando seu vocabulário e instrumentalizando-o a pensar e agir com maior autonomia.

O desenvolvimento do grafismo deve ser propiciado e estimulado. O grafismo do surdo segue as mesmas etapas de qualquer criança. Devemos fazê-lo observar mais, investigar as imagens às quais é exposto para que possa ampliar sua representação gráfica.

O desenvolvimento da leitura de mundo é de vital importância, pois, como já foi dito, nosso aluno, muitas vezes, se sente isolado, carece de uma inserção maior no mundo que o cerca. A atividade que se propõe oferece ao aluno a oportunidade de manifestar suas idéias, de partilhá-las com os outros – mais uma vez, ampliando seu vocabulário – e reorganizá-las no fazer artístico (a releitura) e na posterior construção do texto escrito. Desse modo, estaremos colaborando para que o nosso aluno amadureça sua visão de mundo e se sinta parte mais atuante deste, o que é mostrado de forma multicultural e atemporal pela imagem da obra de arte. Isto certamente ajudará esse aluno a superar a baixa auto-estima, a apurar sua acuidade visual e contribuirá para ampliação de sua leitura de mundo.

Essa proposta de trabalho – utilização de leitura e releitura de imagens de obras de arte – nasceu das atividades de contação de histórias para crianças – com a finalidade de ajudar na leitura e escrita do Português – e do Curso de Pós-Graduação.

No SEDIN, o trabalho de contação de histórias consiste na utilização de um material visual composto de um quadro de feltro e de figuras (humanas, de animais, objetos) e cenários simples, com velcro colado no verso. Esse material é chamado de “Livro de Uma Página Só”. Seu uso se presta a que, no quadro de feltro, as figuras sejam movidas e os cenários sejam mudados, no desenvolvimento da história, permitindo que o aluno acompanhe o desenrolar da história sem que se virem as páginas desse livro. A história é contada, num primeiro momento, em LIBRAS. Num segundo momento, constroem-se textos simples em Português, que remetem o aluno à história contada em LIBRAS. Em seguida, ele é solicitado a fazer uma releitura das imagens do quadro – da “página do livro”. Além de ler a imagem, o aluno é estimulado a ler o texto em Português, fazendo relação com a LIBRAS. Por fim, as crianças são solicitadas a fazer um desenho da cena (uma releitura do que foi contado no quadro), com o texto colado ou xerocado abaixo. Alguns alunos, principalmente os do Jardim II, preferem copiar o texto do quadro.

Se for conseguida uma integração com a professora de classe, o texto poderá ser reconstruído posteriormente. No final, cada aluno tem um livro em que as ilustrações são dele e, dependendo da série e idade (essa atividade pode ser estendida a outros segmentos), até o texto poderá ser construído por ele, com ajuda da professora.

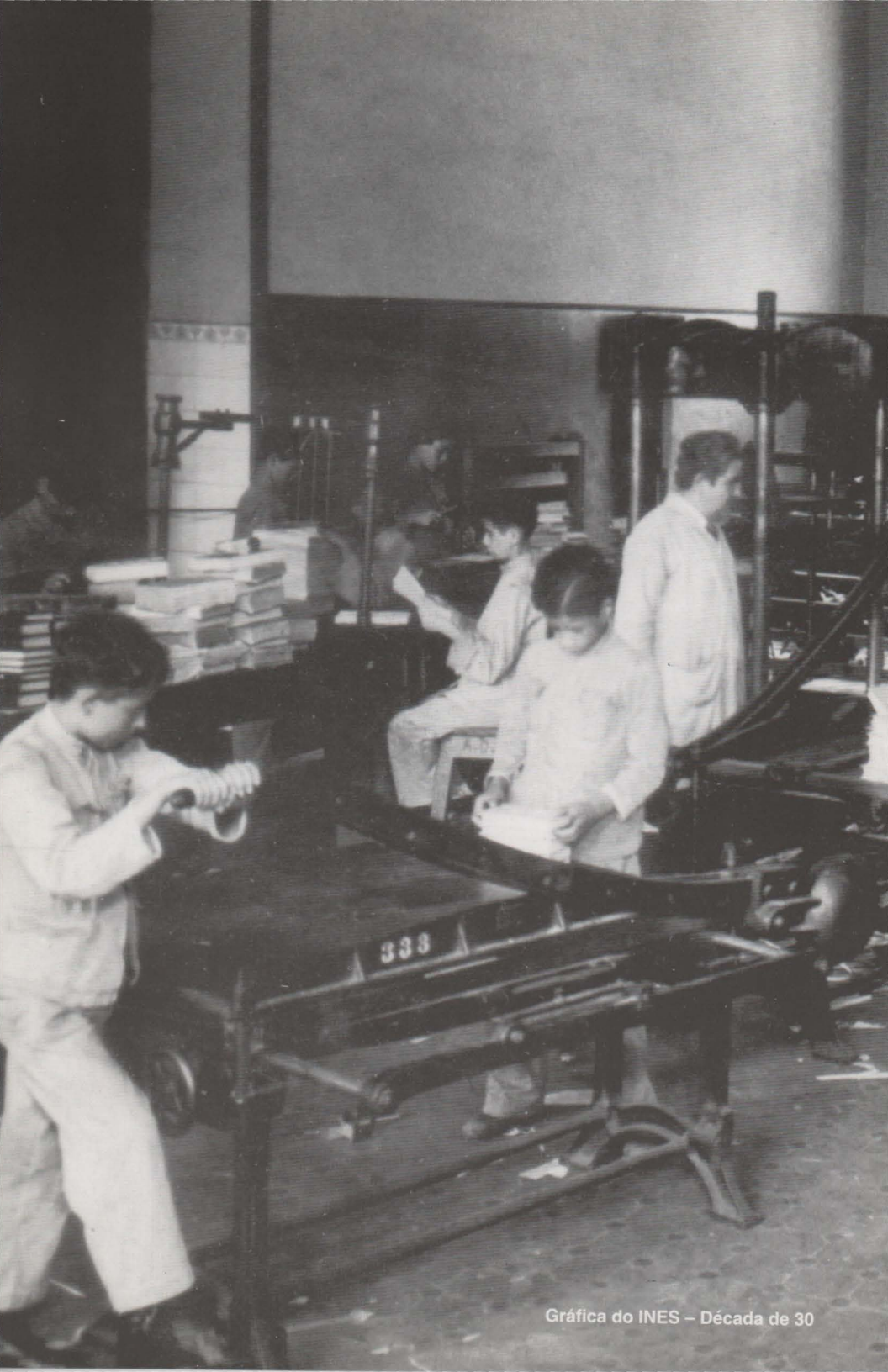
O assunto das histórias é tirado do cotidiano, do conteúdo programático ou de vivências (por exemplo: um passeio), o que facilita a compreensão da história e do texto escrito.

Depois do que foi exposto, por que não utilizar também obras de arte? Após a releitura, o fazer artístico (como na atividade anterior), professor e alunos podem negociar os textos escritos relativos à leitura da imagem. Histórias podem surgir, ou não. Esse tipo de atividade pode ser estendido às outras séries.

Já que, como foi dito, o surdo é um ser visual, não podemos esquecer do ambiente em que ele circula. Uma escola de surdos deve ter mais murais do que paredes! Nesse ambiente visual, em que as imagens são acompanhadas de legendas – em Português e, quem sabe, em LIBRAS – o uso de desenhos ou fotos de sinais ou de configuração de mãos ajudará o aluno a “passear” pelas duas línguas. Ao circular pelos corredores e salas, o aluno estará exposto a imagens/textos novos ou recordando assuntos já vistos. Estará, assim, compensando o não ouvir – e lerá rapidamente o que complementa as imagens.

Referências Bibliográficas

- ARENAS, Ângela. O método cognitivo visual. Texto de apoio à palestra realizada para os professores do Colégio Pedro II pela prof. Solange Gerardiu Poirot Leobons. 1996.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A Imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos*. Porto Alegre: Perspectiva, 1991.
- LEOBONS, Solange Gerardiu Poirot. Texto de apoio à palestra realizada para os professores do Colégio Pedro II. 1996.
- LUZ, Renato Dente. *Violência Psíquica e Surdez – Os caminhos de um (des)encontro*. In Espaço: informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro, n.20, 2003. p.3 – 11
- MAGALHÃES, Annabella de Araújo – *Arte-Educação e o Deficiente Auditivo*. Monografia de Pós-Graduação (Arte-Educação) do Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1988.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens – uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX (O Espírito do Tempo)*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- MOURA, Maria Cecília de. *O surdo, caminhos para uma nova identidade*, Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- REILY, Lúcia H. – O lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*, São Paulo: Plexus, 2003. p.161
- SACKS, Oliver. *Vendo Vozes, uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- TREVISAN, Armindo. Capítulo III – A leitura da Obra de Arte in *Como apreciar a arte*. Porto Alegre: AGE. 2002.



Gráfica do INES – Década de 30

Realização

INES

Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Secretaria
de Educação
Especial

Ministério
da Educação

